

## EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Seno Antônio Cornely nasceu em São João do Deserto, no atual Município de Lomba Grande, Rio Grande do Sul, em 1º de janeiro de 1929. Filho mais velho do pedreiro Carlos Cornely e de Elvira Elisa Cornely, teve mais dez irmãos. A família vivia do trabalho na terra, da criação de poucos animais caseiros e do trabalho de pedreiro do pai. Eram muitas “bocas” para alimentar. Aos doze anos, Seno teve a chance de estudar no Colégio Santo Inácio, na Estação de São Salvador (naquele tempo pertencente a Montenegro), como aluno interno seminarista.

Da condição de filho de agricultor-pedreiro passou a de seminarista jesuíta, vivenciando seus primeiros contatos com a contradição e despertando a indignação com o *status-quo* e o pensamento e ação de que tudo pode ser diferente.

Como aluno do Curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS –, teve embates com seus professores, na busca da verdade que liberta, vivenciou o aprendizado da pedagogia do coletivo e da participação e o aprendizado do real ser político.

Como professor do Curso de Serviço Social da PUCRS, estimulou constantemente todos os alunos, investindo naqueles dos quais esperava uma resposta a mais, como gente, futuro profissional e ser político. Sempre realizou gestos político-pedagógicos inovadores, que serviram de exemplo, indo desde o convívio com colônias de pescadores até o contato com jornalistas, professores estrangeiros, universidades latino-americanas e norte-americanas, prefeitos e governadores, deputados e senadores e, também, com ministros e reitores de universidades, tendo com todos o mesmo respeito, a mesma dose de ironia de quem domina dados e fatos, sem jamais descer à bajulação ou às falsas amizades.

Sabia que suas convicções podiam, como de fato aconteceu, lhe render perseguições políticas, inclusive por parte de pessoas que se jactavam de serem tolerantes. Entendia que, mesmo na maior intolerância, era possível o diálogo e a abertura de novas portas. Mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde foi acolhido por seus méritos, se tornando Superintendente do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo – SERFHAU. Jamais pensou em sair do nosso País.

Como inovador na profissão, batalhou pelo associativismo profissional nas associações pré-sindicais, no Sindicato dos Assistentes Sociais do Rio Grande do Sul e no Conselho Regional de Serviço Social, sendo sempre um exemplo para os alunos e colegas. Criou planos e programas sociais que embasaram as propostas políticas de inúmeros candidatos a governador, no Rio Grande do Sul, e também a prefeitos. Alguns desses se tornaram programas de governo e até de secretarias de Estado. Inovou na profissão, ao agir não só no micro mas também no macro.

Desenvolveu, por inspiração da União Pan-Americana de Serviço Social, a realização de Seminários de Comunidade, que se tornaram meios de o povo organizado e seus líderes, democraticamente, debaterem os problemas físicos, econômicos e sociais, propondo, junto com técnicos do governo, soluções em suas comunidades, que se tornaram programas de secretarias do governo estadual no RS. Quase todos os secretários da área social daquela época

se elegeram deputados por acreditarem em tal trabalho, o qual hoje ainda vigora sob as mais diversas modalidades.

Levava seus alunos a saírem das salas de aula e irem a campo, conviver com colonos em suas micropropriedades e até mesmo em acampamentos ou assentamentos da reforma agrária, para, na discussão com esses, trocar saberes e descobrir que não há problemas pontuais, mas estruturais. Fazia o mesmo em bairros e favelas de Porto Alegre e em cidades do interior do Estado. Daí surgiram, não raras vezes, pesquisas que aclaravam problemas e indicavam soluções, e também surgiam novos pesquisadores sociais com visão comprometida e um tanto ampliada em relação à vida puramente acadêmica, de resultados parcos para o povo.

Articulava governo e sociedade civil, com entidades profissionais, na efetivação de eventos (seminários) latino-americanos, no Brasil e na América Latina.

Manteve correspondência com inúmeros profissionais latino-americanos, norte-americanos e europeus, graças a seu excelente domínio de idiomas, e efetivou os primeiros passos do que se convencionou denominar de Movimento de Reconceituação do Serviço Social Latino-americano, reconhecido hoje mundialmente. Ensinava, ao vivo, que o intercâmbio sócio-político-técnico é indispensável, para se ter visão de conjunto para bem agir no específico, na busca da excelência profissional.

Além disso, não só escrevia artigos para revistas técnicas nacionais e internacionais como também incentivava alunos e colegas profissionais a continuarem lendo, estudando e escrevendo. Jamais deixou de incentivar contatos com livreiros e editores, para publicar novas pesquisas e experiências. Entendia que abrir caminhos era importante para todos, jamais exclusivamente para ele.

Como se tornara conhecido e respeitado por seus conhecimentos e conceitos prático-teóricos, era permanentemente convidado para conferências e palestras em eventos locais, nacionais e internacionais.

Deixou extensa bibliografia, sempre com oportunas citações, pois lia e se comunicava com economistas, sanitaristas, antropólogos, sociólogos, psicólogos e outros, buscando sempre os últimos lançamentos críticos sobre a realidade.

Incentivava a participação em organizações que trabalhavam com temas como urbanismo, habitação e planejamento.

Dirigiu entidades internacionais, com sede no Peru e ramificações no Cone-Sul, Pacto Andino e Centro América. Foi o primeiro profissional gaúcho a dirigir um organismo de assessoria à Comissão Econômica e Social da Organização das Nações Unidas – ONU –, fora do eixo Rio-São Paulo-Brasília.

Logrou o título máximo de Doutor Livre Docente pela PUCRS, onde sua pesquisa era algo vivido: “A Participação Como Fator de Sucesso nos Planos e Programas Sociais Comunitários”.

Suas aulas eram extremamente vivas e fundamentadas. Ao lado de suas vivências e experiências, colocava fatos pitorescos, sempre caminhando, mesmo quando lia, lançando indagações, criticando e propondo para que a educação libertadora se instalasse na vida de seus alunos ou ouvintes.

Tinha suas apreciações próprias sobre cada partido político. Valorizava as simpatias e militâncias variadas, chamando a atenção para a tolerância mútua e para o valor da democracia. Quando indagado de suas preferências, não se omitia. Ajudava, com propostas no campo social, a todos os candidatos, mas jamais cobrava algo em troca. Seus familiares, alunos, amigos e colegas sabiam disso.

Mesmo tendo algumas diferenças com sua Igreja, jamais expôs isso em público. Ajudava novos integrantes ministeriais a permanecerem fiéis, buscando sempre a relação com o povo sofrido. Doou uma casa com terreno arborizado, no Bairro Lomba do Pinheiro, para abrigo de frades franciscanos na velhice.

Mais recentemente, participou do Fórum Social Mundial em Porto Alegre e em Mumbai. Como sempre, para ele, um novo mundo é possível.

Faleceu em 4 de novembro de 2007, deixando os filhos Thaís, Ricardo e Guilherme.

Seno Antônio Cornely merece ser lembrado como o Assistente Social que buscou entender, sempre com um sorriso de bom humor, sua ação como educador crítico, político engajado no seu tempo, fiel às suas origens.

Sala das Sessões, 25 de novembro de 2009.

VEREADOR JOÃO CARLOS NEDEL

**PROJETO DE LEI**

**Denomina Rua Seno Antônio Cornely o logradouro público cadastrado conhecido como Rua 7033.**

**Art. 1º** Fica denominado Rua Seno Antônio Cornely o logradouro público cadastrado conhecido como Rua 7033, nos termos da Lei Complementar nº 320, de 2 de maio de 1994, e alterações posteriores.

**Parágrafo único.** As placas denominativas conterão, abaixo do nome do logradouro, os seguintes dizeres: Um homem, um profissional, um ser humano.

**Art. 2º** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

**PROC. N° 5674/09**  
**PLL N° 250/09**

/CRK